



Euclides de
Freitas Couto

Esporte de classe, esporte de classes

Restrito às elites quando de sua introdução em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX, o futebol revelou-se um poderoso instrumento de integração e coesão social, incorporando a sua prática imigrantes pobres e seus descendentes, bem como outras camadas subalternas da sociedade, até constituir-se como esporte de massa.

Já se vae introduzindo em Bello Horizonte, o gosto pelo salutar jogo de foot-ball, existindo diversas sociedades que se dedicam, com entusiasmo, a este sport, mas infelizmente, sem conseguirem um progresso real, por lhes faltar o indispensavel auxilio dos poderes municipaes. [...] E nem se diga que este sport consiste somente um passatempo, sabendo-se que em toda a parte lhe é dedicado verdadeiro culto como um dos mais poderosos factores da cultura phisica da mocidade. [...] De facto, o espirito ser forte e perfeitamente equilibrado reclama um corpo tambem forte, uma vez que este é o instrumento de acção.¹

Flamengo-América attraiu ás archibancadas do Prado numero tão apreciável de familias, (as mais distinctas de B. Horizonte) que vale pela melhor recompensa dispensada á rapaziada do América. Ainda há bem pouco as nossas gentis patricias, ao verem os foot-ballers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridículos, grotescos. Muitas vezes ouvimos critica impiedosa que moças faziam de nossos sportsmen. Os nossos campos de football não apresentavam o aspecto festivo de hoje, por isso que não eram aquecidos pelo sol de olhares femininos e não lhe recebiam a harmonia de seu sorriso crystalino...²

> Há aproximadamente cem anos, os cronistas da revista *Vita* e do jornal *O Foot-Ball* teciam inúmeros elogios ao jogo de feições cosmopolitas que havia pouco tempo desembarcava em Belo Horizonte. Esses registros oferecem uma pequena amostra dos possíveis significados que o assim chamado “esporte bretão” apresentava naqueles tempos. Além de ser reconhecido como uma prática saudável e educativa, o futebol parecia cumprir seu papel civilizatório proposto pela nóvel metrópole aos seus habitantes: as

famílias exponenciais da sociedade belo-horizontina frequentavam assiduamente os estádios, que logo se transformaram em espaços de lazer, disputados pelos habitantes da cidade. No Brasil, a sociedade urbana e industrial emergente no limiar do século XX, em que a racionalidade inspirava o culto às regras, ao rendimento e à civilidade, os esportes coletivos modelados pelos ingleses, pareciam se adequar especialmente ao gosto das elites, ávidas pelas projeções simbólicas das práticas e valores cultivados na Europa.

De forma paradoxal, ao longo do século XX, o futebol, além de consolidar-se como o esporte mais popular do planeta, uma espécie de “língua geral dos povos”, apresenta-se como um dos mais relevantes fenômenos culturais, cujas dimensões extrapolam manifestamente o campo esportivo. No curso historiográfico, embora sua relevância social seja inquestionável desde a década de 1930, devido a uma constelação de fenômenos ligados ao desenvolvimento do campo de pesquisa,³ somente há pouco mais de dois decênios o futebol vem sendo devidamente investigado dentro dos rigores teórico-metodológicos desenvolvidos pela ciência histórica. Com efeito, além do crescente interesse acadêmico, materializado na ampliação vertiginosa das pesquisas e das publicações em torno do tema, nota-se, simultaneamente, a (re)descoberta de novos acervos e de fontes históricas. O período introdutório do futebol belo-horizontino, em especial, pode se considerar privilegiado. Embora a variedade das tipologias não seja expressiva, há um considerável montante de periódicos, documentos escritos, iconográficos e audiovisuais disponíveis nos vários arquivos e museus da cidade, especialmente no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), no Arquivo Público Mineiro (APM), no Centro Atletico de Memória, na Hemeroteca Pública de Minas Gerais, no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), além das obras digitalizadas, disponíveis *on-line*, pela Coleção Linhares Digital, da Biblioteca da

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e pela Coleção de Revistas Diversas do APCBH.

Considerando-se os desideratos deste texto, o exame da história social centrado na prática futebolística em Belo Horizonte, em seus primeiros anos, confere uma ênfase especial aos aspectos socioculturais inerentes ao modelo de formação social presente nas associações esportivas. Incluíram-se no *corpus* documental, além de um rol expressivo de discursos extraídos da imprensa, trabalhos produzidos por cronistas e historiadores que se debruçaram sobre a análise sociocultural do futebol na capital mineira. Com o intuito de ampliar a compreensão sobre as atitudes, gestos e significados que a sociedade atribuía ao futebol, recorreu-se igualmente a fontes orais.⁴ Foram realizadas cinco entrevistas entre os anos de 1998 e 2003, com três personagens que participaram ativamente das atividades futebolísticas em Belo Horizonte na década de 1920 e outras duas com pesquisadores que se dedicaram ao estudo do tema.⁵

Nesse sentido, seguindo as lentes interpretativas fornecidas pela teoria praxiológica desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, buscou-se identificar nas imagens, entrevistas e crônicas os discursos, as ideologias e as visões de mundo que configuraram o cenário futebolístico em seus primórdios. É, especialmente, por meio dessas narrativas que procuramos compreender as distensões simbólicas observadas na tessitura social capazes de fornecer os ingredientes necessários para a apreensão dos significados das manifestações culturais nas décadas iniciais da prática futebolística na cidade de Belo Horizonte.

A novidade: o jogo da bola

Os registros documentais indicam que, assim como ocorreu nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o

futebol chegou a Belo Horizonte pelos pés de um jovem estudante cuja trajetória de vida se ligava aos padrões de comportamento incorporados pela elite brasileira desde o século XIX.⁶ Victor Serpa – cuja trajetória se assemelha à de Charles Miller e Oscar Cox, precursores do futebol paulistano e carioca, respectivamente – era filho de uma abastada família carioca. Havia realizado seu período de estudos na Europa, cumprindo os pré-requisitos formativos indicados aos rebentos da elite republicana. Homem letrado e viajado, Serpa aprendeu o jogo da bola na Suíça e, posteriormente, praticou-o na então capital federal. No ano de 1903, com o intuito de se graduar pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, transferiu-se para a capital mineira, estabelecendo rapidamente as melhores relações com a elite da cidade, que muito admirava sua inteligência e brilhantismo.⁷

O jogo apresentado por Victor Serpa logo contagiou sua roda de amigos, filhos de acadêmicos, de grandes comerciantes e de altos funcionários do Estado. Tanto que, em 10 de julho de 1904, fundaram o Sport Club Foot-ball, o primeiro time de futebol de Belo Horizonte. Além de Victor Serpa, participaram da fundação o sr. Fritz De Jaeger, professor de alemão no ginásio Mineiro, o major Augusto Serpa, chefe das oficinas da Imprensa Oficial, o dr. Oscar Americano, cirurgião-dentista, o major Arthur Haas, José Gonçalves e Avelino Reis, entre outros.⁸ Na nota relativa à fundação da agremiação, a primeira da cidade a se dedicar à prática do futebol, fica evidente a inspiração nas prerrogativas do associativismo inglês, modelo no qual a divisão dos cargos administrativos e representativos reproduz os padrões hierárquicos da ordem social vigente. O acontecimento foi noticiado assim por um órgão da imprensa local: “Sport-Club-Foot-ball. Fundado nesta Capital no dia 10 do corrente pelos srs. Oscar Americano, presidente; José Gonçalves, thesoureiro; Avelino Souza, secretario; Victor Serpa, capitão, e outros”.⁹



Time do Sport Club, Belo Horizonte, 1904.
Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte/MG.

Além de reeditar as relações de poder e prestígio no interior de sua organização social, não apenas o Sport Club, como também os demais clubes de futebol fundados no ano de 1904 na capital mineira, tornavam-se espaços exclusivos para a sociabilidade e a integração dos membros da elite local, na medida em que o acesso aos seus quadros era restrito por critérios seletivos impostos por seus estatutos, entre os quais figuram a aquisição da joia, pagamento de mensalidades e realização de sindicâncias para a aceitação de novos associados.¹⁰

Os primeiros jogos do Sport Club aconteceram em um campo improvisado, situado no interior do Parque Municipal. Em pouco tempo, as partidas se tornaram um evento de destaque na agenda “diversões” da elite local. Em uma dessas ocasiões, num *match* realizado em 1º de outubro 1904, o cronista do jornal *Minas Geraes*, além de ressaltar a animação da plateia, destacou a fineza e a distinção dos espectadores, concluindo que o “popular esporte” se encontrava “finalmente para sempre implantado em nosso áureo Estado”.

Campeonato da Liga

Depois da bella victoria do Mineiro sobre o Plinio, no dia 1.º de novembro corrente, por 2 goals a 0, um marcado pelo dextro Acrisio Coelho e outro pelo veloz Carlos Salles, cresceu enormemente o entusiasmo pelo omni-importante torneio nos arraiaes sportivos.

O Colombo, derrotado no seu primeiro encontro com o Vespucio por 3 goals a 1, abandonou a liga.

O Athletico, só tendo ainda jogado 2 matchs, já conseguiu 2 pontos, o que lhe dá muitas probabilidades de vir a fazer bella figura no Campeonato Vespucio, Mineiro e Plinio, esses lá seguem esperançadamente caminho do triumpho.

Por emquanto é temerario asseverar qual dos tres o alcançará finalmente; comtudo, convém não esquecer que o Plinio já soffreu duas derrotas, emquanto que o Mineiro soffreu uma unicamente e o Vespucio não soffreu ainda nenhuma.

As suas posições relativas são as seguintes, hoje :

	Matchs	Victorias	Empates	Derrotas	Goals pro	Goals contra	Pontos
Vespucio.....	2	2	0	0	8	1	4
Mineiro.....	3	2	0	1	3	1	4
Plinio.....	4	2	0	2	1	7	4
Athletico.....	2	1	0	1	0	1	2
Colombo.....	3	0	0	3	1	3	0

(Cada victoria vale 2 pontos e cada empate 1).

Recorte do Jornal *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6 de novembro de 1904, p. 8. Notícia sobre a partida entre os times de Belo Horizonte e Ouro Preto e do primeiro Campeonato da Liga de Futebol de Belo Horizonte. Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Hemeroteca Histórica. Belo Horizonte/MG.

Em pouco tempo, mais dois clubes foram fundados em Belo Horizonte: o Plínio Foot-Ball Club, composto em sua maioria por estudantes de Direito, e o Club Athletico Mineiro (clube homônimo que, entretanto, não possui nenhuma relação com o atual Clube Atlético

Festas e Diversões

Realiza hoje mais uma attrahente pratida, nos salões do palacete Steeckel, o apreciado *Club Bello Horizonte*.

FOOTBALL

Bello Horizonte versus Ouro Preto

Está definitivamente marcado para o dia 15 de novembro o grande match das duas cidades mineiras.

Consta-nos que terão a honra de representar a velha Villa Rica os srs. Lucas, Dilermando, Rezende, Queiroz, Sylvio, Cassio, Amaro, Campanella, Joel e Victoriano, entre outros. Para Bello Horizonte, sabemos de fonte semi-official que jogarão com certeza os srs. Gonçalves, Thomé, Mellinho, Avelino, Fabiano, Norris, Visorpa, Antonio e dr. Americano.

Mineiro), formado por alunos do Ginásio Mineiro. Ainda em 1904, em razão do grande número de jogadores em seu elenco, o Sport Club se dividiu em dois times, o Vespúcio e o Colombo. O Athletico seguiu o mesmo caminho, originando uma equipe batizada

com seu primeiro nome – Athletico –, e outra batizada com o segundo – Mineiro. No mesmo ano foi fundada a primeira liga de futebol de Belo Horizonte, composta por três clubes e cinco *teams*.¹¹ Foi organizado também o primeiro campeonato, como ilustra a Tabela 1.

Embora os jogos de futebol tenham causado grande sensação na elite belo-horizontina – fato que pode ser constatado pela veiculação de notícias relacionadas à fundação dos clubes e à disputa das pejeias –, o caráter incipiente de sua organização contribuiu para que o primeiro campeonato da cidade não pudesse ser concluído. Especula-se que a interrupção se deu em função das fortes chuvas que atingiram a capital mineira no final de 1904 e ao período de férias escolares, quando vários jogadores deixaram a capital.¹² Porém, o jogo da bola, apesar de contar com uma organização precária, já se revelava uma interessante prática esportiva para uma requintada juventude, e uma atraente opção de lazer para os demais espectadores, incluindo-se aí as “gentis e encantadoras *sportwomen*”.¹³ Nesse contexto, a prática e a expectativa futebolística pareciam ter se incorporado ao *habitus* da pequena elite belo-horizontina.

Em 1905, Victor Serpa faleceu prematuramente no Rio de Janeiro. No entanto, a semente esportiva plantada por ele germinou na capital mineira. No mesmo ano, foram fundados mais dois clubes na cidade, o Estrada Foot-Ball Club e o Brasil Foot-Ball Club. Todavia, inexistia naquela época o espírito de organização e competição fundamentais para o desenvolvimento da cultura esportiva. Entre 1905 e 1908, as partidas ocorreram esporadicamente, a elite belo-horizontina que frequentava o Parque Municipal e, no final de 1904, se entusiasmara com o novo esporte parecia não se importar mais com os jogos disputados. Eles nem mesmo mereceram registro na imprensa local. Nesse período, vários clubes, como o

Plínio e o Athletico (que passou a se chamar Mineiro), encerraram suas atividades.¹⁴

O nascimento do Atlético

Em 1908, quando Belo Horizonte possuía pouco mais de 25 mil habitantes,¹⁵ era cada vez mais frequente a reunião de rapazes e garotos para disputarem “peladas” de bola de meia nas proximidades do Parque Municipal. O campo poeirento, de chão duro, destoando do traçado moderno da nova capital, situava-se entre a rua da Bahia e a avenida Álvares Cabral, confundindo-se com a área da avenida Afonso Pena. Por outro lado, as partidas de futebol alcançavam, gradativamente, a mesma popularidade das corridas de bicicleta¹⁶ realizadas nos fins de semana. Após a prática de esportes, os filhos das mais distintas famílias belo-horizontinas se reuniam no coreto do parque, local predileto para longas conversas que giravam em torno dos mais variados assuntos, entre eles, o futebol. Numa dessas conversas, no dia 22 de março de 1908, um domingo, surgiu a ideia de se fundar um time.¹⁷ Entretanto, o tradicional *footing* na avenida Afonso Pena e a paquera com as mocinhas que iam assistir às disputas ciclísticas impediram que o assunto se prolongasse naquele dia. Uma nova reunião foi marcada, então, para a quarta-feira, 25 de março, e, naquela tarde, 22 rapazes, alguns deles “matando aula”, fundaram o *Athletico Mineiro Foot-Ball Club*, conforme narrou Hugo Fracarolli, um dos fundadores do clube.¹⁸

Os jovens fundadores do Athletico eram, em sua maioria, pertencentes a tradicionais famílias mineiras. Filhos de médicos, de advogados e de altos funcionários públicos, logo receberam o incentivo dos pais para a nova e sedutora atividade esportiva. Todavia, as dificuldades “técnicas” da época obrigavam os garotos a improvisar soluções alternativas para viabilizar os “treinos”, que inicialmente aconteciam no campo do Parque Municipal. Um dos primeiros



Integrantes do Clube Atlético Mineiro. Autor desconhecido, Belo Horizonte, 1913. Arquivo Público Mineiro, Coleção Municípios Mineiros – MM – 082(02). Belo Horizonte/MG.

desafios do Athletico foi conseguir a primeira bola de futebol oficial, que “foi trocada por bichinhos empalhados, besourinhos, vagalumes e lagartos”, que o fundador Ninico Antunes supostamente enviava pelo correio para um colecionador de origem francesa.¹⁹ Especula-se que a tal bola, na verdade, não seria de futebol, mas de outro esporte semelhante.

Somente em 1909 o Athletico passou a ter seu próprio campo, situado na rua dos Guajajaras, entre as ruas São

Paulo e Rio de Janeiro, que possuía 30 metros de largura por 70 metros de comprimento. Bastante precário, favorecia que a bola saísse de jogo quando rolava ribanceira abaixo. As balizas eram feitas de madeira e, após os jogos, retiradas e levadas, já que as primeiras foram roubadas e usadas como lenha de fogão.²⁰

Na comemoração do seu primeiro aniversário, o Athletico realizou sua primeira partida oficial, vencendo o Sport Club por 3 a 0, sendo o primeiro gol marcado

por Aníbal Machado,²¹ no dia 21 de março de 1909. O adversário pediu a revanche, que aconteceu no domingo seguinte, com nova vitória atleticana por 2 a 0. Ainda inconformados por não conseguirem vencer os alvinegros, os atletas do Sport Club exigiram uma terceira partida, que foi marcada para o dia 21 de abril. Resultado: 4 a 0 para o Athletico. A derrota decretou o fim da trajetória de cinco anos do primeiro clube de futebol belo-horizontino. Em consequência, vários jogadores do então extinto Sport Club ingressaram nos quadros do Athletico, fato ilustrativo do amadorismo da época.

Em 25 de março de 1913, data em que o clube completava seu quinto aniversário, uma assembleia geral foi convocada e o time recebeu um novo nome: Club Athletico Mineiro. Em 1914, a equipe ganharia o primeiro torneio interclubes, organizado pela recém-fundada Liga de Futebol de Belo Horizonte, derrotando o Yale, por 2 a 0, o América, por 3 a 0, novamente o América, por 1 a 0, e, finalmente, o combinado América-Yale, por 2 a 0. A Taça Bueno Brandão (homenagem ao então presidente do Estado), conquistada pelo Athletico, consagrou o vencedor da primeira competição oficial de futebol organizada em Belo Horizonte.

Em 1915, o futebol mineiro passou a ser dirigido por uma nova entidade, a Liga Mineira de Esportes Athleticos, que se responsabilizou pela organização do primeiro campeonato oficial do Estado. A competição contou com a participação de cinco equipes: Athletico, América, Yale, Higienicos e Cristóvão Colombo. O Athletico tornou-se o primeiro campeão mineiro, disputando sete partidas, das quais venceu cinco, empatou uma e perdeu outra. No ano seguinte, o clube conquistou o título de campeão de Belo Horizonte. No entanto, o título do campeonato mineiro ficaria com o América, que o manteria até 1925. No ano de 1927, o Athletico sagrou-se bicampeão estadual.

A partir de então, o futebol mineiro passou por uma fase transitória entre o amadorismo e o profissionalismo. Nesse período, o clube incentivou o ingresso nos seus quadros de atletas das mais diferentes camadas sociais, provenientes de diversas partes da cidade e do Estado, oferecendo-lhes oportunidades de estudo e trabalho em Belo Horizonte. Tal estratégia, simultaneamente, ampliou significativamente o número de torcedores das camadas populares e proporcionou maior competitividade ao time, contribuindo decisivamente para a popularização do clube no final da década de 1920.

Surge o América

A rivalidade entre Athletico e América – os dois grandes clubes belo-horizontinos das primeiras décadas do século XX – parece estar inscrita nas histórias de suas fundações, cuja semelhança remete à origem da rivalidade e das emocionantes disputas travadas entre as duas agremiações nos seus primeiros anos de existência. Se o Athletico, fundado em 1908, nasceu da amizade de alguns estudantes que jogavam “peladas” no Parque Municipal, o América, em 1912, também surgiu da união de alguns garotos que disputavam seus “rachas” na rua da Bahia. Segundo as crônicas da época, esses jovens não tinham nada além de “uma ponta de calçada como sede, e um pedaço de rua como campo”. A bola com que jogavam era fruto de uma “vaca” da qual os mais ricos participavam com maiores quantias. Cabia ao “zelador”, “o cargo de maior importância”, a guarda da pelota. Destacam-se entre os fundadores e patrocinadores do “glorioso alviverde”: Affonso Brandão, Augusto Penna, Lincoln Brandão, Oscar Gonçalves, Aureliano Magalhães e Waldemar Jacob.²² Todavia, enquanto os fundadores do Athletico tinham, em média 18 anos, os garotos do América não ultrapassavam a idade de 13 anos.



Integrantes do Morro Velho A. C. Football : I. Gent; E. H. Thirlaway; C. Davis; W. Fletcher; B. Jeffery; W. Campling; W. Faithy; (Martinho Dias); Joe Green; B. Aggii; J. Sedgeman; B. Evans; H. Andrew. Autor desconhecido, 1913, Nova Lima/MG. Arquivo Público Mineiro, Fundo Família Augusto de Lima. Belo Horizonte/MG.

A primeira reunião dos futuros americanos na qual se concretizou a ideia de fundar um time de futebol aconteceu no dia 30 de abril de 1911, à sombra de uma árvore que ficava na esquina das ruas da Bahia e dos Timbiras. No entanto, devido ao compromisso com os estudos e à falta de material para a prática do jogo, a agremiação só duraria seis meses.²³ Somente um ano após essa “primeira fundação” é que o América “nasceria” de forma definitiva. Uma reunião entre os mesmos garotos, ocorrida na casa do dr. José Gonçalves,

então secretário da Agricultura de Minas Gerais e pai de um dos fundadores, marcaria o início da trajetória daquela que foi a agremiação mais organizada²⁴ das três primeiras décadas do futebol belo-horizontino.

Apesar de ter sido fundado – tal como o Athletico – pelos filhos das mais “distintas” famílias da cidade, o América enfrentou enormes obstáculos no início de suas atividades. A falta de um local adequado para treinamento, a dificuldade em comprar as bolas e a

baixa média de idade de seus jogadores²⁵ contribuíram para o insucesso dentro de campo nos três primeiros anos do clube. Não se tem registros oficiais dos primeiros jogos da equipe, todavia sabe-se que essas disputas teriam sido realizadas contra adversários da mesma categoria, ou seja, times também formados por “meninos”.²⁶ É possível estimar que os primeiros jogos dos americanos foram contra o Vera Cruz, o Santa Cruz e as equipes do Athletico pertencentes aos quadros inferiores (do segundo ao quinto).

O ano de 1913, precisamente no mês de setembro, foi decisivo para a história do América. Com dificuldades financeiras, o time do Minas Geraes, fundado em 1911, cujo presidente de honra era o então prefeito de Belo Horizonte, Olinto Meireles, propôs uma fusão aos americanos. Por um lugar no clube alviverde, os atletas do Minas Geraes ofereciam um campo situado na avenida Paraopeba (atual avenida Augusto de Lima), duas traves de gol e uma bola de futebol, além de alguns materiais de secretaria. Inicialmente, a proposta não foi bem aceita pelos garotos do América, que temiam perder espaço no time principal com a chegada de jogadores mais velhos. Entretanto, a vontade de possuir um espaço próprio que oferecesse boas condições para os treinos e os jogos se sobrepôs à reserva inicial, e a transação foi concluída. Também em setembro de 1913, após uma dissidência, vários jogadores do Athletico se transferiram²⁷ para o América. “Trocaram as camisas” importantes nomes atleticanos, como Júlio Cunha e João Brito de Castro,²⁸ incluindo alguns dos seus fundadores, como Aleixanor Alves, e até mesmo o presidente do clube alvinegro, Jair Pinto dos Reis. A partir de então, o América tornou-se um time de “responsabilidade”, disputando as pelejas em pé de igualdade com as outras equipes.

Apesar dos “reforços”, os bons resultados demoraram a aparecer. Em 1914, depois de seguidos insucessos contra equipes mais experientes, o América se

inscreveu para a disputa da Taça Bueno Brandão, contando, nessa oportunidade, com um time regular e que apresentava alguns valores individuais. Porém, não marcou um gol sequer nesse torneio, sofrendo várias derrotas. Também em 1914, os alviverdes enfrentaram o time de ingleses do Morro Velho Foot-Ball Club, sendo implacavelmente goleados por 5 a 0. Entretanto, na temporada seguinte, no dia 4 de julho de 1915, com bons treinamentos e dedicação, o América estreou no campeonato municipal batendo o Club Sports Hygienicos pelo placar de 2 a 1. Monte marcou o primeiro gol americano, iniciando assim uma série de vitórias que se estenderia por décadas.²⁹

Em 1915, o América finalmente iniciaria sua trajetória de importantes conquistas. A primeira grande vitória aconteceu em novembro, quando os americanos bateram os temidos ingleses do Morro Velho – time invicto havia vários anos e que possuía craques como Schaw, H. Gill, F. Owen e Armstrong, entre outros – pelo placar de 3 a 1. A partida aconteceu no Prado Mineiro e chamou a atenção de muitos belo-horizontinos que, a partir de então, tomaram conhecimento do talento de jogadores como Otávio e Mário Pena, Didico e João Brito. Esse momento é considerado por muitos o início da projeção americana na cidade, pois daí em diante os torcedores se interessaram cada vez mais pela equipe que conseguira a façanha de vencer o “imbatível time de ingleses”, e o América iniciou sua ascensão no futebol belo-horizontino. Em 1916, o clube conquistou o primeiro de uma série de dez campeonatos consecutivos, “vencendo vários clubes do interior, como o Guarany de Lafayette, o Americano de Ouro Preto, o Queluziano e o Tiradentes”³⁰, passando a ostentar, assim, o título de decacampeão mineiro, de 1916 a 1925.

Nesse período, o maior rival do América era o Athletico. Os jogos entre os “dois grandes” clubes da época despertavam um enorme interesse na população

da cidade, que já tinha o futebol³¹ como o seu principal esporte. O respeito entre as duas agremiações era grande e os confrontos entre ambas demoravam meses para acontecer, já que todos faziam questão de uma boa preparação. Algumas vezes os times até se reforçavam com jogadores de outras equipes.³² A expectativa em torno dessas partidas era tanta que, segundo a crônica da época, os torcedores atleticanos e americanos, “amigavelmente” divididos nos dias de jogos, se uniam na “torcida” para que o próximo “clássico” se realizasse o mais breve possível:

Um jogo entre o América e o Athletico – Não é necessário dizer que “torcemos” imensamente para a realização desse encontro. Aliás, para este fim, a saudade de um bom jogo – que ha tanto tempo não se realiza – faz com que todos “torçam” em commum. Apenas lá no Prado, no dia da partida, é que os torcedores atleticanos e americanos se dividirão, amigavelmente.³³

A longa sequência de títulos do América só foi interrompida em 1926, e o autor da proeza foi justamente o Athletico. No mesmo ano, começava no futebol mineiro a fase conhecida como “amadorismo marrom”.³⁴ Enquanto outras equipes – como o próprio Athletico e o Palestra Italia – saíram em busca de reforços para seus elencos, os americanos se recusaram a adotar a mesma estratégia. O preço dessa postura foi muito alto. O América mergulhou num longo processo de defasagem técnica, amargando um jejum de 23 anos sem títulos que só se encerraria em 1948, já nos tempos do profissionalismo, quando a equipe voltou a conquistar o campeonato mineiro de futebol.

Palestra, o time da colônia italiana

Dos três maiores clubes de Belo Horizonte da atualidade, o Cruzeiro³⁵ foi o último a ser fundado.

Enquanto o Athletico e o América já travavam emocionantes disputas pelos campos da cidade, o Cruzeiro ainda fazia parte dos sonhos dos imigrantes italianos que chegavam para trabalhar na construção da nova capital. Nessa época, o governo de Minas Gerais, preocupado em aumentar a disponibilidade de mão de obra, sobretudo para os setores da construção civil e do abastecimento, criou um programa cujo objetivo era viabilizar a chegada de imigrantes europeus.³⁶

Em 1892, uma das primeiras medidas adotadas foi a concessão de passagens aos estrangeiros que se comprometessem a ficar em Belo Horizonte. Logo depois, em 1894, o Estado passou a organizar a criação de núcleos coloniais urbanos e rurais e, em 1896, a oferecer títulos definitivos de propriedade de terra, perdendo eventuais dívidas, aos colonos que assumissem o compromisso de manter as suas lavouras e, a partir daquela data, fixassem residência por pelo menos sete anos.³⁷

Além das “facilidades” oferecidas aos imigrantes, o governo mineiro procurou atrair os italianos por meio de propagandas veiculadas em jornais como o *Il Secolo*, de Milão, *Caffaro e Il Secolo XIX*, de Gênova, *Il Paese*, *La Discussione* e *Mattino de Napoli*, de Nápoles.³⁸ Em consequência de todas essas ações, mais de duzentas famílias italianas, além de portugueses e espanhóis, imigraram para a região de Belo Horizonte entre os anos de 1892 e 1920.³⁹ Inicialmente procedentes da Sicília e da Calábria e, posteriormente, de diversas regiões da Península Itálica,⁴⁰ os italianos recém-chegados se dedicaram às atividades agrícolas nas colônias ao redor da capital, ou se fixaram no núcleo urbano, tornando-se os principais construtores da cidade.

Muitos eram pedreiros e ajudantes de construção, alguns engenheiros e arquitetos. Outros se estabeleceram nos setores da panificação, das

oficinas de calçados, das marcenarias e do comércio. Houve também aqueles que se tornaram grandes empreendedores, que se dedicaram à fabricação de bebidas e às indústrias mecânicas e siderúrgicas.⁴¹ A grande variedade de atividades exercidas demonstra a importância desses imigrantes para a construção e o desenvolvimento de Belo Horizonte, já que constituíram boa parte da mão de obra e do empreendedorismo essenciais nos primeiros anos de vida da nova capital.

Em meados da década de 1910, muitos desses italianos jogavam em vários clubes de futebol belo-horizontinos, como o Yale, o Sete de Setembro, o Cristovão Colombo e o próprio Athletico. Todavia, esporadicamente se licenciavam de suas equipes para disputar partidas por um selecionado denominado Scratch Italiano,⁴² que enfrentava clubes e combinados, o que traduzia a vontade de constituírem sua própria agremiação. Para tanto, não faltavam exemplos, visto que em Belo Horizonte, na década de 1920, existiam alguns clubes ligados às colônias de imigrantes, como o Luzitano, representante da colônia portuguesa, e o Sírio, agremiação ligada à colônia árabe.

Apesar do currículo de conquistas inexpressivo, esses clubes representavam, com suas camisas, identidades muito bem demarcadas, servindo como espaços de sociabilidade e revigoramento das tradições dos seus países. Entretanto, a versão oficial que circula na tradição oral, especialmente entre os descendentes dos fundadores do clube,⁴³ indica que foi em São Paulo que os italianos de Belo Horizonte encontraram o modelo que lhes serviu de inspiração.

Fundada na capital paulista, no ano de 1914, a Società Sportiva Palestra Italia, atual Sociedade Esportiva Palmeiras, rapidamente transformou-se em uma das principais entidades esportivas locais, despertando as aspirações da enorme colônia italiana de São Paulo. O Palestra possuía um estatuto cujos

objetivos eram bem definidos: promover e garantir a congregação, a confraternização e a socialização dos italianos e seus descendentes por intermédio do futebol. Uma das cláusulas evidenciava o caráter restritivo do clube, ao estabelecer que “o elenco do time de futebol só poderia ser composto por italianos ou descendentes”. A ideia de uma associação voltada exclusivamente para a colônia atravessou as montanhas e seduziu os italianos belo-horizontinos, que escreveram a São Paulo pedindo um exemplar do citado estatuto. De posse de um exemplar do documento, eles o copiaram fielmente – inclusive com relação ao nome do clube –, nascendo assim o Palestra Itália mineiro.⁴⁴

Existem, no entanto, outras variantes sobre a origem da agremiação que se transformaria no Cruzeiro Esporte Clube. Alguns historiadores⁴⁵ aventam a hipótese de que o Palestra Itália mineiro teria surgido a partir do Yale, clube de origem inglesa fundado por volta de 1906. Essa possibilidade chegou, inclusive, a ser oficializada e divulgada pela própria diretoria cruzeirense, nas décadas de 1960 e 1970. Entretanto, novos estudos⁴⁶ e depoimentos apontam evidências de uma história um pouco diferente. Segundo essa nova versão, o Yale possuía em seus quadros cinco jogadores oriundos da colônia italiana: Hamleto Magnavacca, e os irmãos Júlio e João Lazarotti, e Henriqueto e Anduini Pirani.

Todavia, após uma violenta briga entre os jogadores, que chegou inclusive ao nível das agressões físicas, esses cinco decidiram abandonar o clube. Procuraram, então, os “italianos” de outros clubes, como o Sete de Setembro, o Cristovão Colombo e, por ironia do destino, o Athletico, que se tornaria, com os anos, o maior rival da nova equipe que ainda ensaiava os primeiros passos. O objetivo era mobilizar os jogadores da colônia em torno da ideia da fundação de um clube de futebol cuja razão não fosse apenas o divertimento. A intenção era criar um time que



Time de futebol da Rede Mineira de Viação. Arquivo Público Mineiro, Fundo Demerval José Pimenta, DJP-6-3-001(031). Belo Horizonte/MG.

pucesse enfrentar, em condições de igualdade, equipes como o Athletico e o América; mas, principalmente, que fizesse frente ao Yale, que, a partir de então, se tornaria o primeiro grande rival do Palestra Itália.

Questão de identidade

A criação de um time que representasse a colônia italiana belo-horizontina era um desejo antigo e, naquele momento, era grande a força dos dissidentes do Yale e dos imigrantes que atuavam em outros clubes. Faltava, todavia, o apoio financeiro necessário para que o sonho se concretizasse. Na época, em razão do amadorismo, os obstáculos eram imensos: era difícil – e caro – conseguir bolas, uniformes e um local

para os treinamentos. Além disso, a grande maioria dos imigrantes pertencia às camadas populares: operários, carpinteiros, pedreiros e trabalhadores do comércio. A solução, então, foi pedir o apoio financeiro dos membros ricos da colônia – comerciantes ítalo-descendentes da rua Caetés, muito ligados à questão da identidade italiana – que, sensibilizados pelo desejo dos jogadores de defender um clube essencialmente italiano, abraçaram o movimento. Alguns desses comerciantes, como Antônio Falci, João Ranieri e Aurélio Noce, inspirados na experiência dos italianos paulistas, buscaram em São Paulo o estatuto do já existente Palestra Itália e, assim, no dia 2 de janeiro de 1921, em uma reunião na fábrica de artigos esportivos Agostinho Ranieiri,⁴⁷ foi fundada a Società Sportiva Palestra Italia, em Belo Horizonte.

Dois objetivos principais foram estabelecidos pelos palestrinos logo após a fundação do clube. O primeiro consistia na integração da equipe na entidade que congregava os principais clubes belo-horizontinos para viabilizar a participação no campeonato da cidade de 1921. A tarefa não foi fácil. Após a inscrição das equipes na Liga Mineira de Desportos Terrestres, surgiu um impasse que ameaçou a realização do campeonato.⁴⁸ Depois de várias reuniões, decidiu-se que seria realizado um torneio entre Lusitano, Guarany, Cristovão Colombo, Hygiênicos, Ipanema, Sete de Setembro e Palestra; os quatro melhores colocados conquistariam o direito de se juntar a Athletico, América e Yale na disputa do campeonato da Primeira Divisão; as demais equipes formariam a Segunda Divisão.

Resolvida a questão burocrática, teve início o torneio. Na primeira rodada, realizada no dia 29 de abril de 1921, no estádio do Prado Mineiro, o Palestra venceu o Ipanema por 3 a 2, classificando-se, assim, para enfrentar o Palmeiras, enquanto o Guarany venceu o Hygiênicos – 2 a 1 – e garantiu sua vaga na primeira divisão. Na rodada seguinte, dois dias depois, o Lusitano eliminou o Cristovão Colombo com uma goleada por 6 a 0; o Sete de Setembro passou pelo Progresso – 1 a 0; e o Palestra despachou o Palmeiras – 4 a 1. Assim, o Palestra Itália – juntamente com Lusitano, Guarany e Sete de Setembro – conquistava em campo, já no seu primeiro ano de existência, o direito de adentrar no rol do seleto quadro da Primeira Divisão do futebol belo-horizontino, do qual nunca mais saiu, atuando sempre com marcante presença.⁴⁹

O segundo objetivo dos palestrinos era a construção de um estádio que pudesse sediar os treinos e jogos da equipe. E mais uma vez os comerciantes da rua Caetés tomaram a frente da empreitada. Em 1922, o clube comprou, por 50 mil réis – valor alto, para a época –, um quarteirão da prefeitura na região

do Barro Preto, onde atualmente se situa o Parque Esportivo do Cruzeiro. No local, os próprios operários “italianos” construíram um estádio cujas arquibancadas de madeira comportavam cerca de cinco mil pessoas. Para inaugurá-lo, realizou-se, no dia 23 de setembro de 1923,⁵⁰ um jogo contra o Flamengo, bicampeão carioca de 1920/21. A partida, muito equilibrada, terminou empatada em três gols.⁵¹ Naquela época, o Palestra já mostrava um futebol bastante competitivo, figurando como uma das principais forças do futebol belo-horizontino.

O ano de 1921 também ficaria marcado na história palestrina pelo início da rivalidade com o Yale.⁵² No campeonato daquele ano, as rixas entre os jogadores fizeram com que, devido às brigas, as partidas entre as duas equipes fossem encerradas antes do fim do tempo regulamentar. Já em 1922, temendo novos confrontos, as diretorias dos dois clubes estabeleceram um acordo: no primeiro turno, o Palestra entregaria os pontos da partida e, no segundo turno, o Yale faria o mesmo. No entanto, a trajetória do Yale na Primeira Divisão de Belo Horizonte se encerrou em 1923. Após a crise do futebol da cidade, em 1924 e 1925, não existem mais registros sobre a participação do clube em competições oficiais. Segundo relatos,⁵³ entre 1926 e 1929, o Yale teria disputado apenas campeonatos de várzea na cidade.

Diante do quadro fornecido por diferentes estudos, pesquisas e depoimentos, pode-se questionar a veracidade das duas hipóteses formuladas em torno da fundação do Palestra, que, ao longo de décadas, se cristalizaram no imaginário coletivo de Belo Horizonte, abrindo, com isso, um leque de possibilidades que nos permite vislumbrar a maneira como um mito pode ser criado dentro da história. Tanto a primeira versão, que afirma que Palestra e Yale formavam um mesmo clube, como a segunda, ainda mais mitificada, que afirma que o Yale havia se transformado em Palestra, demonstram como a memória coletiva é capaz de reinventar,

remodelar ou mesmo adequar fatos históricos com o objetivo de oferecer explicações que possam ser mais facilmente incorporadas pelo senso comum.

Nesse caso específico, tomando como premissa o fato de que a História é a construção e a reconstrução do passado segundo as condições do presente,⁵⁴ não se sabe ao certo quem teria reinventado tal versão. Mas podemos presumir que o propósito era produzir uma versão mais simples, isenta de conflitos, buscando construir uma narrativa estruturada por meio de fatos justapostos, de forma linear.

Entre os anos de 1922 e 1925 (período da hegemonia do América em Belo Horizonte), o clube da colônia italiana sagrou-se vice-campeão, superando o Athletico. Em 1926 e 1927, a equipe não manteve o bom futebol dos anos anteriores, chegando a perder uma partida por 9 a 2 para o rival alvinegro. Finalmente, em 1928, já no período conhecido como “amadorismo marrom”, o Palestra conquistaria o seu primeiro campeonato da cidade. Reforçada por quatro jogadores do Palestra de São Paulo e pelo experiente técnico Matturi Fabbi,⁵⁵ a equipe chegaria ao tricampeonato em 1930.

Considerações finais

Assim como os cafés, o cinema e o teatro, o futebol chegou ao círculo das elites belo-horizontinas como uma atividade requintada e de inspiração cosmopolita. Seus praticantes adquiriram um *status* que demarcava sua distinção social. Os *sportmen* simbolizavam o novo homem, que deveria incorporar-se às prerrogativas higienistas substanciadas na máxima *mens sana in corpore sano*. No bojo desses acontecimentos, tornam-se compreensíveis as ações do Estado, que elegeu o futebol como o “carro-chefe” das transformações propostas para o comportamento da população nas primeiras décadas do século passado.

Ao Club Athletico Mineiro e ao América Foot-ball Club foram cedidos terrenos na avenida Paraopeba (atual avenida Augusto de Lima), onde construíram seus primeiros estádios. Além desses espaços, no ano de 1913, construiu-se no Prado Mineiro, onde havia um hipódromo, um outro estádio de futebol. A partir de então, o futebol passou a ser uma das principais atrações frequentadas pelas elites locais. Atleticanos e americanos, que compartilhavam de um *status* social quase equivalente, tornaram-se grandes rivais nos gramados e nas arquibancadas.

Se, para as elites locais, o futebol se mostrou um símbolo de distinção e elegância, para os numerosos imigrantes italianos instalados em Belo Horizonte ele teve outro significado, ou seja, uma oportunidade de inserção social. A fundação da Societá Sportiva Palestra Itália, em 1921, ampliou a convivência dos italianos e seus descendentes, possibilitando sua integração em atividades até então restritas às elites locais. Ao contrário de algumas versões historiográficas que apontam o Palestra Itália ora como um clube de elite, ora como o clube das classes mais baixas, existem indícios que demonstram haver uma participação de classes sociais heterogêneas nas atividades ligadas ao clube.

A memória dos torcedores que vivenciaram o dia a dia do Palestra, na década de 1920, indica que as primeiras atividades promovidas se restringiam à colônia italiana, composta por pessoas pertencentes às mais variadas classes sociais. Dessa forma, o estudo desse caso, em particular, sinaliza para a compreensão dos mecanismos que permitiam a fruição da identidade étnica dos italianos, tendo o futebol como um forte elemento catalisador. A identidade construída entre jogadores e torcedores da comunidade italiana favorecia sua autoafirmação étnica e cultural, que, simultaneamente, os diferenciava e os contrapunha à elite local, representada na esfera esportiva pelo Atlético e pelo América.

Estima-se que, entre as décadas de 1910 e 1920, quase uma centena de clubes de futebol tenha surgido em Belo Horizonte. Embora o desaparecimento precoce da maioria deles possa sugerir o grau das dificuldades enfrentadas em torno da organização esportiva, por outro lado, o fato revela a pujança que o futebol adquiriu nesse período, tornando-se, notadamente, o esporte mais popular na cidade. Ao longo da década de 1920, a impossibilidade de a maioria dos times fundados na área suburbana disputarem partidas com as equipes da elite, devido aos critérios seletivos impostos pela Liga de Desportos Terrestres, não impediu que nas décadas subsequentes o futebol em Belo Horizonte se tornasse um espaço simbólico dominado majoritariamente por negros e mulatos, tal como se observou no restante do país.

Além do processo de profissionalização dos jogadores, o acirramento das rivalidades clubísticas, o aperfeiçoamento técnico e tático, que, indubitavelmente, ampliaram os níveis de competitividade, transformaram o futebol no principal espetáculo destinado às massas urbanas. Após a inauguração, em 1929, do Estádio Antônio Carlos, pertencente ao Athletico, os registros indicam públicos superiores a dez mil pessoas, o que revela que o espetáculo não se restringia a um círculo fechado de *sportmen*, dos tempos de Victor Serpa. Portanto, a partir desse contexto, os significados sociais atribuídos ao futebol podem ser multiplicados, sobretudo, em função da participação efetiva dos segmentos populares em todas as dimensões do espetáculo futebolístico.

RESUMO | O artigo analisa as trajetórias de clubes de futebol fundados nas duas primeiras décadas do século XX, na cidade de Belo Horizonte. O estudo da história social desses clubes permite conhecer as representações sociais que o esporte adquiriu naquele período, época em que as elites, porta-vozes da civilização, almejavam a modernização dos hábitos da população por meio das práticas esportivas.

ABSTRACT | This article analyses the historical background of soccer clubs founded during the first two decades of the XX century in Belo Horizonte. The study of the social history of these clubs reveals the social representations that this sports activity achieved during a time when the elites, seen as the leading voice of civilization, saw the practices of sports as a vehicle to foster modern habits among the population.

Notas |

1. *Vita*, Belo Horizonte, n. 7 e 8, dez. 1913, jan. 1914.

2. *O Foot-Ball*, Belo Horizonte, 13 set. 1917, p. 2.

3. Sobre o desenvolvimento da pesquisa histórica no campo esportivo, ver: MELO, V. et. al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

4. Sobre a discussão teórico-metodológica que envolve a história oral, ver: AMADO, J. B.; FERREIRA, M. M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

5. As entrevistas foram selecionadas a partir de um conjunto de depoimentos orais colhidos entre 1998 e 2003, parte integrante do *corpus* documental utilizado nas análises formuladas pela dissertação de mestrado intitulada *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob a orientação da prof. dra. Lucília de Almeida Neves Delgado.

6. Ver o *Código do bom-tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*, publicado em Portugal e comercializado no Brasil. Cf. DEL PRIORE, Mary. Jogos de cavalheiros: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Org.). *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

7. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de julho de 1904, p. 6.

8. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de julho de 1904, p. 6.

9. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de julho de 1904, p. 6.

10. RIBEIRO, R. R. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal*: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921).180f. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

11. Naquela época, era comum um clube possuir vários quadros. Geralmente, o primeiro quadro, ou *team*, era composto pelos atletas tecnicamente mais qualificados, enquanto, no segundo e no terceiro quadros, jogavam os atualmente denominados “reservas”.

12. RODRIGUES, M. A. A. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade*: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. 340f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 248.

13. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 de outubro de 1904, p. 3-4.

14. Cf. COUTO, E. F. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. p. 42.

15. *Anuario Demographico de Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1930, p. 172.

16. Nas primeiras décadas do século XX, as corridas de bicicleta aconteciam, tradicionalmente, às quintas-feiras e aos domingos, no Parque Municipal. Além do caráter esportivo, exerciam a função de promover encontros entre rapazes e moças das tradicionais famílias belo-horizontinas. Cf. RODRIGUES. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade*, p. 107.

17. Cf. ZILLER, A.L. *Enciclopédia Atlético de todos os tempos*: a vida, as lutas, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais. Belo Horizonte: [s.n.], 1997. p. 33.

18. Depoimento de Hugo Fracarolli, um dos fundadores do Athletico Mineiro Foot-Ball Club. ZILLER, A. L. *Enciclopédia do Atlético*. Belo Horizonte: Leme, 1974. p. 213.

19. Depoimento do ex-presidente do clube José Ramos Filho. *Jornal do Atlético*, Belo Horizonte, [s.n.], 1988, p.11.

20. Informação extraída do depoimento do Sr. Adelchi Leonello Ziller, ex-dirigente do Clube Atlético Mineiro e autor da *Enciclopédia do Atlético*. Gravado em 4 de novembro de 1998, em sua residência, em Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1h20 de diálogo; 60 min de gravação.

21. Aníbal Monteiro Machado (1894-1964), escritor mineiro nascido em Sabará e falecido no Rio de Janeiro. Foi também professor e homem de teatro, sendo conhecido ainda como futebolista em sua juventude.

22. *Minas Sport*. Belo Horizonte, 8 de novembro de 1925, p. 1.

23. MOURÃO, P. K. C. *História de Belo Horizonte de 1897 a 1930*. Belo. Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.

24. Reportagem publicada pela revista *Vita*, de 15 de fevereiro de 1914 [s.p], mostra que, em 1914, enquanto o Athletico possuía apenas dois quadros de times, o América possuía quatro, realizando, assim, mais jogos durante aquela temporada. Além disso, é sintomático o fato de o América ter conquistado por dez vezes consecutivas o título de campeão mineiro, entre 1916 e 1925.

25. Segundo depoimento de Carlos Eduardo Paiva de Oliveira, autor da *Enciclopédia do América*, mesmo com média de idade inferior à das outras equipes, o América, nos três primeiros anos de sua existência, teria disputado vários jogos contra equipes adultas. Gravado em 28 de agosto de 2002, em sua residência, em Belo Horizonte. Recurso: gravador; 2h de diálogo; 1h30 de gravação.

26. MOURÃO. *História de Belo Horizonte de 1897 a 1930*.

27. O termo aqui empregado denota uma situação totalmente diferente das atuais “transferências” no futebol, uma vez que o amadorismo da época permitia que os jogadores trocassem livremente de clube, sem qualquer ônus para nenhuma das partes.

28. Brito, como era chamado, foi considerado o melhor atacante, segundo a imprensa da época.

29. *Minas Sport*. Belo Horizonte, 8 de novembro de 1925, p. 1.

30. *Minas Sport*. Belo Horizonte, 8 de novembro de 1925, p. 1.

31. Conforme tratado na revista *Vita*, n. 7 e 8, 31 de dezembro de 1913 e 15 de janeiro,1914, s.p.

32. Informação extraída do depoimento do sr. Salim Salum, ex-dirigente e torcedor do América Futebol Club, gravado em 5 de agosto de 2002, no escritório da empresa de engenharia da família Salum, situado no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1h20 de diálogo; 50 min de gravação.

33. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 de janeiro de 1920, p. 2.

34. O período compreendido entre 1926 e 1933 foi considerado a transição entre o amadorismo e o profissionalismo no futebol mineiro. Clubes como o Athletico e o Palestra Itália, apesar de não declararem o pagamento de salários aos seus jogadores, ofereciam-lhes atrativos como o custeio dos estudos, alojamento e outras formas de benefícios, além de empregos em cargos públicos e estabelecimentos comerciais. Em muitos casos, havia também aqueles que recebiam dinheiro. LAGE, M. V. C. *Deixem em paz os nossos cracks*: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. 169f. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

35. Em 1942, com o acirramento da Segunda Guerra Mundial, o governo federal publicou um decreto-lei que proibia qualquer alusão às nações inimigas, fato que, após uma longa querela que se desenrolou nos bastidores, obrigou os palestrinos a substituírem o nome da agremiação para Cruzeiro Esporte Clube.

36. RODRIGUES, C. *História de Belo Horizonte*: duas épocas. Brasília: GR Editora, 1981, p. 34.

37. RODRIGUES. *História de Belo Horizonte*, p. 35.

38. BARRETO, P. *De Palestra a Cruzeiro*: uma trajetória de glórias. Belo Horizonte: [s.n.], 2000. p. 17.

39. Bem antes disso, vários italianos já haviam se fixado no Estado, concentrando-se, sobretudo, em Passagem de Mariana e Ouro Preto. Cf. RODRIGUES. *História de Belo Horizonte*, p. 34.

40. BIASUTTI, L. C. *Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais*: subsídios para uma história da imigração italiana. Belo Horizonte: UNA, 2003. p. 159.

41. BIASUTTI. *Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais*, p. 160.

42. Informação extraída do depoimento do sr. Salim Salum, ex-dirigente e torcedor do América Futebol Club, gravado em 5 de agosto de 2002, no escritório da empresa de engenharia da família Salum, situado no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1h20 de diálogo; 50 min de gravação.

43. Informação extraída da entrevista da sra. Paulina Lodi realizada em 2 de maio de 2003 em sua residência, na cidade de Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1h30 de diálogo, 1h de gravação.

44. Essas informações sobre a história do Palestra Itália e do Cruzeiro foram obtidas no depoimento de Carlos Henrique Miranda Ribeiro, jornalista responsável pelo departamento de estatística e memória do clube. Entrevista gravada em 22 de agosto de 2002, na Toca da Raposa II, na cidade de Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 2h de diálogo, 1h de gravação.

45. RODRIGUES. *História de Belo Horizonte*.

46. BARRETO. *De Palestra à Cruzeiro*.

47. BARRETO. *De Palestra à Cruzeiro*, p. 22.

48. A Liga Mineira exigiu que todos os clubes de Belo Horizonte se inscrevessem como pessoa jurídica até 31 de dezembro de 1920. Como somente Athletico, América e Yale haviam cumprido a determinação, foi criado o impasse em torno de quais clubes deveriam participar da Primeira Divisão do futebol da cidade.

49. BARRETO. *De Palestra à Cruzeiro*, p. 30.

50. A data era uma homenagem ao 20 de setembro, quando se comemora a unificação da Itália.

51. BARRETO. *De Palestra à Cruzeiro*, p. 33.

52. Informações extraídas do depoimento do sr. Carlos Henrique Miranda Ribeiro, jornalista responsável pelo departamento de estatística e memória do clube. Entrevista gravada em 22 de agosto de 2002, na Toca da Raposa II, na cidade de Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 2h de diálogo, 1h de gravação.

53. Informações extraídas do depoimento do sr. Carlos Henrique Miranda Ribeiro, jornalista responsável pelo departamento de estatística e memória do clube. Entrevista gravada em 22 de agosto de 2002, na Toca da Raposa II, na cidade de Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 2h de diálogo, 1h de gravação.

54. Ver SHAFF, A. *História e verdade*. Lisboa: Estampa, 1977. p. 100.

55. O técnico já havia trabalhado com as seleções paulista e brasileira.

Euclides de Freitas Couto é graduado em História e Educação Física, mestre em Ciências Sociais e doutor em História (UFMG). Atualmente é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del-Rei, onde desenvolve pesquisas sobre a história e a sociologia dos esportes. É autor do livro *Da Ditadura à Ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. E-mail: euclides@ufsj.edu.br

Tabela 1 – Campeonato belo-horizontino de futebol do ano de 1904

CLUBS	Matches	Ganhos	Empatados	Perdidos	Goals Pró	Goals Contra	Pontos
Vespúcio	2	2	0	0	8	1	4
Mineiro	3	2	0	1	3	1	4
Plínio	4	2	0	2	2	7	4
Athletico	2	1	0	1	1	1	2
Colombo	3	0	0	3	1	3	0

Fonte: Festas e diversões. *Minas Geraes*. Belo Horizonte, 6 de novembro de 1904, p. 8.